

# *Terra Morta: Um Contributo para a História do Trabalho Colonial*

Ana Rita Velede Oliveira

*FLUC/CES*

anaritaveledaoliveira@ces.uc.pt

anaritaveledaoliveira@gmail.com

## **Resumo**

*Terra Morta* é um romance de Castro Soromenho, proibido em Portugal pela censura do Estado Novo e publicado no Rio de Janeiro, em 1949. Neorrealista, a obra retrata a vila de Camaxilo, *locus horrendus* no Nordeste de Angola, na época colonial. Inúmeras personagens, colonizadores e colonizados, homens e mulheres, interagem no enredo, pela voz do narrador, como se fossem actores históricos, úteis para pensar o Terceiro Império Português. As minas da Diamang e os cânticos dos trabalhadores contratados fazem parte do cenário, sendo, também, a obra um contributo importante para a história do trabalho colonial. O autor deixa uma mensagem não só de opressão, materializada em Camuari, a máscara da morte, como de luta contra esta, contada e cantada em outras histórias de resistência à violência colonial.

## **Palavras-chave:**

Trabalho colonial, Camaxilo, terra morta, Castro Soromenho.

### ***Abstract***

*Dead Land is a novel by Castro Soromenho, censored by the Portuguese New State dictatorship and published in Rio de Janeiro, in 1949. This neo-realist book portrays the colonial village of Camaxilo, a Locus Horrendous in Northeastern Angola. Several characters, among colonizers and colonized, men and women, interact in the plot, through the narrator's voice. They are just like historical actors, useful to think about The Third Portuguese Empire. The Diamang diamond mines and the songs of recruited laborers make up this novel's scenario. A useful contribution to the History of colonial work. The author's message is not only about oppression, but of fight against injustice, narrated and sung in other histories of resistance to colonial violence.*

### ***Keywords:***

*Colonial work, Camaxilo, dead land, Castro Soromenho.*

### **I Parte – Terra Morta**

*Terra Morta* é um “texto branco”, começando pela sua concepção em forma de romance (Padilha, 1995:130). Pode, ainda, enquadrar-se na corrente literária do neorealismo, uma vez que dá voz aos que, devido a condições sócio-económicas adversas, a não têm. Dedicado a Adolfo Casais Monteiro, do grupo da revista *Presença*, a sua acção desenrola-se na Lunda, território do Nordeste de Angola, onde o autor viveu e trabalhou, quer no exército, quer como funcionário da Companhia de Diamantes de Angola.

Fernando Monteiro de Castro Soromenho, filho de um português, Artur Ernesto de Castro Soromenho, antigo governador da Lunda e de outras províncias de Angola, e de uma cabo-verdiana, nasceu em Moçambique em 1910, tendo vivido em Angola desde os quinze anos. Aos dezassete, empregou-se na Diamang, Companhia de Diamantes de Angola, como angariador de mão-de-obra (Faria, 2006: 62) e foi, posteriormente, funcionário da administração colonial. Voltou para Lisboa em 1937, onde trabalhou como jornalista, vindo mais tarde a emigrar para o Brasil, país onde faleceu a 18 de Junho de 1968.

*Terra Morta* (1949), *Viragem* (1957) e *A Chaga* (1970) são três romances “neorealistas e anticolonialistas”, se quisermos categorizar, do autor, que se tocam em muitos pontos: na coincidência entre algumas personagens, no contexto histórico-geográfico e na denúncia e descrição do colonialismo português no Nordeste de Angola, em um tempo e um espaço específicos. Os textos são narrados em palcos onde é dada voz a inúmeros actores e atrizes, tantas vezes silenciados/as. *Terra Morta*, impedido pela censura

de ser publicado em Portugal, foi editado, em 1949, no Rio de Janeiro, pela Casa do Estudante do Brasil, tendo sido traduzido para francês e prefaciado pelo sociólogo Roger Bastide, que dedicou ainda um estudo ao autor, *L'Afrique Dans l'Oeuvre* de Castro Soromenho, datado de 1959.

Algumas das primeiras obras do autor, como *Nhari: O Drama da Gente Negra* (de 1939), *Homens sem Caminho* (1942) ou *Rajada* (1943), foram premiadas pela Agência Geral das Colónias do Estado Novo, no seu Concurso de Literatura Colonial, enquanto exemplos dessa mesma literatura colonial. Ribeiro define esta em termos conceptuais (Jerónimo, 2012: 315 e 316), sendo *Terra Morta* associado, por alguns autores, à segunda fase da obra de Castro Soromenho, mais neorrealista, que representaria uma ruptura com os “contos, novelas e romances que resgatam a existência arcaico-tribal de lundas, quiocos e de outros povos da região ou dela próximos, como os bângalas e luenas” (Padilha, 1995: 90). Esta visão é, porém, actualmente contestada, por exemplo por Margarida Calafate Ribeiro em “Letras do Império: Percursos da Literatura Colonial Portuguesa (in Jerónimo, 2012: 515-546). Esta autora considera que:

“É trabalho hoje dos estudiosos pós-coloniais resgatar esses outros discursos que nas margens do discurso colonial asseguraram a existência de outras histórias, denunciando assim o perigo de uma ‘história única’ de que fala a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, na sua instigante conferência de Oxford; textos que, desde cedo, foram registando a diferença cultural que a prazo reclamou a independência política e que estão na origem dos primeiros textos escritos em língua portuguesa pelas literaturas são-tomense, guineense, angolana, moçambicana, cabo-verdiana.” (Jerónimo, 2012: 517).

Ainda de acordo com Margarida Calafate Ribeiro, várias obras de Castro Soromenho acentuam as ambiguidades geradas pelo mundo colonial, confirmando a importância da literatura no contar de histórias outras, inscrevendo a pequena história dos povos em textos literários de carácter político, que vão além da ideologia colonial racista do Estado Novo. *Terra Morta* representa uma diferença na medida em que coloca, na acção, também os colonos europeus e todo um mundo, gerado pelo colonialismo, repleto de negros, mulatos e brancos. Porém, para a autora, esta obra não representa, necessariamente, uma mudança radical de paradigma em relação aos livros anteriores do autor, uma vez que, nestes, já era reconhecida identidade cultural a Lundas e Quiocos, uma identidade em processo de fragmentação e de destruição. É de esta fragmentação e destruição, em toda a sua complexidade, que trata *Terra Morta*. O carácter desolador da paisagem, símbolo da decadência do colonialismo, é representado pela voz dos velhos, negros e brancos:

“A Lunda está desgraçada – diziam os negros velhos que fizeram as guerras” (Soromenho, Op. cit: 66).

Se, em *Sertanejos de Angola* (Soromenho, 1943), o autor descrevia os três ciclos da história da ocupação comercial da antiga Lunda dos Muatiânvuas, escravos, marfim e borracha, aqui relata-se a decadência destas terras no contexto sócio-histórico dessa mesma exploração por portugueses, onde se ouvem cânticos dos “escravos da Diamang” como pano de fundo:

“- Ruim, muito ruim [o negócio]. Isto já deu o que tinha a dar. Se não fosse o bocado de fubá que a gente vende para os senhores darem os homens que vão para os diamantes, nem sei“ (Op. cit: 180). Isto do comércio por aqui já não dá nada” (Op. cit.: 182).

Também a negra Francisca se volta para o passado de uma Lunda desolada, sem futuro:

“Agora, que a negra está de regresso à sua terra, onde seu filho prometera ir juntar-se-lhe depois de receber a herança do pai e vender a casa, ela recorda a vida feliz que viveu na vila, quando o seu homem tinha dinheiro e a amizade dos grandes sobas. Na sua casa havia sempre muita gente, comerciantes da vila opulenta, que tinha fama em toda a colónia como mercado de borracha.” [pp. 225 e 226].

A corrosão e a degradação das casas, terrenos e objectos, negros, brancos, assimilados, funcionários da administração colonial nas suas várias hierarquias, sipaios, capitas, sobas e mulatos, entre outros exemplos, simbolizam a decadência do mundo colonizado. Os abusos sexuais dos colonos brancos são retratados na obra, sobretudo através do exemplo da personagem Francisco Bernardo, um maníaco sexual. A violência sexista e racista progridem também na terra morta de Camaxilo, para coroar as representações da violência colonial, como quando o administrador, Gregório Antunes, diz à mulher, Dona Jovita, que se queixa de traição, que as negras cheiram melhor do que ela, nas representações das negras como objectos sexuais, ou nas passagens seguintes:

“[...] uma negrita que comprara ao pai por um cobertor e uma quinda de sal [...]” [p. 19].

“Mas mal lhe pôs a mão num braço, ele atirou-lhe uma bofetada.

- Toma, negra! Larga-me!“ [p. 193].

Camaxilo, lugar onde se desenrola a acção de *Terra Morta* (como a acção de *A Chaga*) – e onde, de resto, não faltam uma prisão nem um cemitério–, representa um deserto decadente. Trata-se de um canto da colónia, longe de tudo:

“ - Nós vivemos num canto da colónia, longe de tudo Agora veja, Valadas, esta Circunscrição tem uma área com mais de trinta mil quilómetros quadrados e

quarenta mil negros. Quantos funcionários somos nós? Dez, quando estão todos. E três sipaios aqui na sede e mais três em cada posto, ao todo vinte e um, com armas velhas e sem instrução militar. Bolas! Bolas! [p. 247].

Representa, mais do que isso, um espaço repressor, um espaço concentracionário de onde ninguém sai, um *locus horrendus* que é uma prisão interior e exterior, ao qual se pode aplicar a metáfora do inferno (Beirante, s/d) sob o signo de “Camuari”, a máscara da morte (Padilha, *Op. cit.*), que aparece no romance por ocasião da morte do velho soba. Esta opressão exerce-se sobre os corpos dos negros, livres e “escravos”, contratados para as minas e trabalhadores/as das lavras agrícolas, através de actos, palavras, cobrança coerciva de impostos, jogos de cartas de funcionários coloniais que brincam perigosa e depressivamente com o destino e verdadeiros “instrumentos de tortura”, que contribuem para a escrita da história do trabalho colonial.

## II Parte – Um Contributo Literário para a História do Trabalho Colonial

“Exploram-se diamantes, comércio e negros. É limpinho.”

(Soromenho, 2008: 107)

*Terra Morta* relata a vida quotidiana de várias personagens na vila de Camaxilo, sede de circunscrição administrativa no Nordeste de Angola, uma localidade histórica formada por duas partes: Camaxilo-de-Cima, povoada por militares das campanhas de ocupação da Lunda, no início do século XX e sede administrativa de circunscrição entre 1911 e 1936, e Camaxilo-de-Baixo, povoação mais antiga, criada por sertanejos da época da escravatura e da borracha, em finais do século XVIII, que polarizam a acção do romance em simbolismos complexos. No contexto histórico do “Terceiro Império Português”, o primeiro império global da história, colonos administrativos e colonos comerciantes (sobre)vivem neste terra morta ao lado de outra terra “ainda mais morta”, os domínios da Diamang, que começou com a descoberta dos primeiros diamantes:

“Anos depois é que se encontraram os primeiros diamantes, no Rio Cassai, e vieram os pesquisadores da Companhia de Diamantes do Nordeste. Os comerciantes foram expulsos da zona mineira.” [p. 229].

Castro Soromenho (re)escreve a história contada pelos manuais do Estado Novo: “Depois, os militares foram-se embora e vieram os administrativos cobrar impostos e abrir estradas.” [p. 230]. Estado Novo que persistiu na sua missão civilizadora, que incluía métodos de educação pelo trabalho compulsivo. Ora, a administração colonial teve um papel muito importante no recrutamento da mão-de-obra indígena e *Terra Morta*, ao focar-se

também em actores desta mesma administração colonial, constitui um testemunho histórico, na voz de um narrador hétero-diegético, redigido por um homem que foi, ele próprio, noutra tempo, funcionário dessa administração colonial.

No capítulo “Biopouvoir: Les Usages Historiographiques de Michel Foucault et Giorgio Agamben” (Traverso, 2011: 185-209), Enzo Traverso considera que apreender as violências do século XX significa interrogar as ligações destas com o poder. Em 1935, na sequência de uma reunião da Comissão de Peritos sobre a Escravatura, José de Almada escrevia que “é mais do que plausível que em Angola subsistam formas de ‘lobolo’ como em Moçambique” (Jerónimo, 2012: 181), considerando ainda ser plausível a presença, em Angola, de formas de pagamentos de dívidas entre indígenas, por meio de trabalho por parte dos devedores, das suas famílias ou dos seus dependentes. Já o sociólogo americano Edward Ross havia redigido o seu “Relatório Ross” sobre Angola e Moçambique, de 1925 quando, em 1947, também Henrique Galvão, deputado por Angola entre 1946 e 1949, apresentou à Assembleia Nacional, numa sessão secreta da Comissão das Colónias, um relatório sobre as condições laborais em Angola, Moçambique e Guiné Bissau (Miguel Bandeira Jerónimo e José Pedro Monteiro in Jerónimo, 2012: 161). Neste, declarava que juntamente com a “decadência física dos povos coloniais, da assistência sanitária inexistente”, a situação da mão-de-obra africana era “insustentável” considerando a compulsão ao trabalho nas colónias portuguesas “um abuso” (*Ibid.*). Segundo Henrique Galvão, a legalização do trabalho forçado havia sido iniciada em finais do século XIX, sendo imposta em “circulares e ordens oficiais de carácter confidencial” considerando Galvão esta situação mais grave do que a própria escravatura. *Terra Morta* foca, em várias passagens, a contratação forçada de trabalhadores para as minas da Diamang, bem como o sofrimento que o penoso trabalho na Lunda lhes provocava. A legislação portuguesa não era cumprida sendo, à sombra desta, cometidos inúmeros abusos, denunciados a 13 de Dezembro de 1949 pela Inspeção Superior dos Negócios Indígenas. Também Fortunato de Almeida, da Repartição dos Negócios Políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros, se manifestou contra estes abusos do trabalho indígena. Relembremos que o tráfico escravagista em Portugal havia sido abolido por um decreto de Sá da Bandeira, datado de 1836. Porém, concordando com os autores supracitados, a legalização do trabalho forçado constituiu um processo continuamente legitimado pela missão civilizadora que insistiu na permanência histórica de uma autêntica ideologia da escravatura.

Efectuaram-se inúmeros estudos sobre a Diamang, por parte de investigadores portugueses, angolanos e de outras nacionalidades. Existe, além disso, o arquivo digital da Diamang, relacionado com o espólio da companhia pertencente ao Instituto de Antropologia da Universidade de

Coimbra. Todd Cleveland é autor de uma dissertação de doutoramento intitulada *Rock Solid: African Labourers on the Diamond Mines of the Companhia de Diamantes de Angola* (Cleveland, 2008). Embora o trabalho dos contratados nas minas de diamantes do Nordeste de Angola não seja o tema principal de *Terra Morta*, o recrutamento para as minas e a vida dura dos negros neste contexto aparecem ao longo de todo o livro, num gesto de denúncia que é um gesto de escritor, historiador e etnógrafo. O administrador Gregório Antunes, que andava fardado de branco e a cheirar a loção, era quem fazia a chamada dos indígenas contratados para o trabalho nas minas. A voz dos contratados ouve-se em diversos momentos perturbando, em anomia, a terra fantasma de Camaxilo, em cânticos de escravos negros:

“Do fundo da planura, veio um canto monótono e triste. Marchavam os homens das aldeias de palha que vinham entregar os seus corpos às minas de diamantes.”

(Soromenho, Op. cit: 213)

A Diamang foi fundada a 16 de outubro de 1917, por investidores portugueses, ingleses, belgas, sul-africanos e dos Estados Unidos e, em 1921, adquiriu os direitos exclusivos de extração mineira e de recrutamento de mão-de-obra. Esta companhia constituiu a maior fonte de receitas do governo angolano, até à independência da colónia em 1975. Nos anos 60, empregava todos os anos mais de 20.000 homens, mulheres e crianças africanas, a maior parte dos quais eram angolanos. Fazia-se uma organização do trabalho por “género”, trabalhando as mulheres nas lavras e, por vezes, em tarefas mais duras: “O administrador do Quela, um tal Xavier, pôs toda a gente a trabalhar nas plantações, até mulheres grávidas” (Soromenho, 2008: 122), indo estas e as crianças buscar água e preparar refeições. Porém, de acordo com Todd Cleveland (Cleveland: 2008), estes trabalhadores “contratados”, vítimas de *shibalo* (trabalho forçado) tiveram um papel activo na formulação e reformulação do seu próprio processo de trabalho. Em *Terra Morta*, o autor dá-nos, em algumas passagens, ‘duros’ sinais da visão dos angolanos sobre a Diamang e sobre o papel activo que tiveram nesta árdua etapa de construção da sua História. Algumas passagens do capítulo V do livro são particularmente relevantes na descrição do processo de recrutamento, por parte de funcionários da administração colonial, para as minas de diamantes na Lunda Norte.

Este papel activo dos negros e das negras na construção do seu país e também do branco, Américo, que afirma que “Os homens é que fazem a vida” (Op. cit.: 26) e de outro branco, o Monteiro, chefe de Caluango, que, em vez de cobrar impostos e mandar negros para as minas, andava pelas sanzalas a conviver com os negros e a ouvir as suas histórias, o que pode ser visto como uma representação de Castro Soromenho, manifesta-se,

além disso, na caracterização de algumas personagens do enredo, bem como no seu papel na acção: “As canções dos seus batuques estavam cheias de histórias passadas nas minas.” (*Op. cit.*: 92).

É-nos representada a indignação dos brancos perante a rebeldia dos negros, “piores que animais”, uns bichos que cheiravam mal e que deviam ser tratadas com pão com uma mão e chicote com a outra:

“- São resistentes como bois e comem tudo o que se lhes dá!” (*Op. cit.*: 89).

“- Gajos desses, só a chicote! – vociferava Valadas. – Que respeito nos podem ter esses selvagens quando vêem coisas dessas? É por isso que hoje se vêem negros voltarem-se contra os brancos. Quando eu vim para cá, nem levantavam os olhos. Agora é o que se vê... E qualquer dia correm-nos à porrada. A mim, nunca, que até lhes trincava o coração!” (*Op. cit.*: 21).

É de assinalar ainda a actuação do velho soba Xá-Mucuari, “símbolo da máscara da morte” usada nos próprios rituais fúnebres pela sua tribo que, apesar de, por um lado, simbolizar os velhos e a sua decadência, abominava “negros traidores”, aliados dos brancos, e que viveu parte da sua vida como vagabundo errante devido à não submissão à corrupta situação colonial. Apenas saía da sua aldeia uma vez por ano, quando ali se dirigia um funcionário que ia fazer o recenseamento para efeitos de pagamento do imposto.

No capítulo XVII, a acção encaminha-se para o seu desfecho, provocado por um fogo posto na casa do administrador, que termina o enredo a partir para outra terra com a mulher, dona Jovita. João Calado, um mulato a quem tinham recusado herdar a casa da família, dizendo que pertencia aos brancos, matou o sipaio Canivete, de guarda à casa da administração, já por si também símbolo de decadência desta terra morta de Camaxilo, e roubou parte do dinheiro do imposto cobrado aos indígenas, incendiando a habitação de seguida: “Não come minhas coisas!, disse com rancor” (*Op. cit.*: 256). O povo da região protegeu-o, dando-lhe fuga e apoiando a sua revolta.

Mas voltemos às representações da violência e dos trabalhos forçados. A violência colonial reflecte-se, também, no próprio corpo dos negros, alvos de instrumentos de tortura do “biopoder colonialista”: “Outros torciam-se com dores nas pernas e braços partidos debaixo de vagonetas” [p. 90]; “E aquilo era de sol a sol, picareta abaixo, picareta acima, ferindo-se no cascalho que lhes saltava em lascas para as pernas, lanhando-as como se fossem navalhas.” (Soromenho, 2008: 87); “Só os capitalistas traziam os seus compridos chicotes de cavalo-marinho”. Como nos conta Cândido Beirante, autor da dissertação *Castro Soromenho: Um Escritor Intervalar*, de 1989:

“Porém a situação dos contratados nas minas da Diamang é ainda mais concentracionária do que a vida dos negros nas suas aldeias. Saídos do seu meio tradicional e familiar, os contratados das minas sentem-se lançados num mundo estranho e ferozmente hostil. É certo que a conduta dos brancos e dos auxiliares negros, durante o trajecto a pé até chegarem às minas e, principalmente no trabalho forçado na extracção do cascalho, é de molde a tornar infernal a sua vida.” (Beirante, Op. cit, s./d.: 3).

*Terra Morta* está repleto de denúncias da violência colonial, e como tal constitui um documento histórico sobre os abusos cometidos pelos colonizadores em Angola, na Lunda, e pela própria Diamang. Como uma “segunda voz” do autor, denuncia Joaquim Américo, em resposta à violência do colonizador: “- Eu não os defendo por serem negros, porque para mim a cor e a raça não contam, mas sim como homens que são tratados como animais, como bestas, nada mais.” (Soromenho, 2008: 245). Américo viera do Brasil, onde participara na revolução de São Paulo contra a ditadura.

Agora, cai o pano sobre este cenário, terra morta de leprosos e crianças esfomeadas:

“As notícias que ele mandava pelos estafetas eram inquietantes. Aldeias que se tinham despovoado, outras reduzidas a metade pela gripe e varíola, muita gente ao deus-dará e crianças errando pelas aldeias acossadas pela fome.” (*Op. cit.*: 172).

“A sombra da noite subia do vale para a terra morta de Camaxilo. O velho Bernardo acendeu o cachimbo e fumou-o de olhos fechados” (*Op. cit.*: 265).

E assim se fecha a câmara sobre o cárcere panóptico de terra morta, onde talvez se salvem a caneta de Castro Soromenho, com a qual se escreve Joaquim Américo, de um romance não tão branco assim.

## Referências Bibliográficas

Beirante, Cândido. Camaxilo: *A Metáfora do Espaço Infernal em Castro Soromenho*. s/d, União dos Escritores Angolanos, disponível em <http://sobrecs.files.wordpress.com/2010/04/camaxilo-a-metc3a1fora-cc3a2ndido-beirante1.pdf>, consultado a 31 de Janeiro de 2013.

Cleveland, Todd (2008). *Rock Solid: African Laborers on the Diamond Mines of the Companhia de Diamantes de Angola*.

Faria, António, (2006). Companheiro de Caminho: Castro Soromenho. *Revista Latitudes*. Setembro de 2006, n. 27: 62-67.

Jerónimo, Miguel Bandeira (2012). *O Império Colonial em Questão: Poderes, Saberes e Instituições*. Lisboa: Edições 70.

Padilha, Laura Cavalcante (1995). *Entre Voz e Letra: O Lugar da Ancestralidade na Ficção Angolana do Século XX*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.

Soromenho, Castro (1943). *Sertanejos de Angola. Pelo Império*. Lisboa: Divisão de Publicações e Biblioteca da Agência Geral das Colónias. Nº 98.

Soromenho, Castro (2008). *Terra Morta*. Lisboa: Edições Cotovia [edição original de 1949, Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil].

Traverso, Enzo (2011). *L'Histoire Comme Champ de Bataille: Interpreter les Violences du XXe Siècle*. Paris: Éditions La Découverte.

Wheeler, Douglas (2006). The Forced Labour System in Angola: reassessing origins and persistence in the context of colonial consolidation, economic growth and reform failures. em *Trabalho Forçado Africano: Experiências Coloniais Comparadas*. Porto: Campo das Letras.

#### **Sites consultados:**

Diamang Digital: <http://www.diamangdigital.net/>, consultado a 31 de Janeiro de 2012.